

# Luta de classes volta ao Rio Araguaia, em uma nova versão

Quem visita São Félix (MT) se espanta com a polarização causada pelo projeto da Hidrovia Araguaia-Tocantins, 27 anos depois que o exército esmagou o último movimento de resistência armada à ditadura. Os donos de terras defendem, em coro, a obra, enquanto o cidadão médio recusa a idéia.

Os ambientalistas apresentam três linhas de argumentação: o transpor-

te ferroviário pode ser mais barato e menos prejudicial que a hidrovía, a dinâmica hídrica e a fauna podem sofrer danos irreversíveis e o modelo econômico (expansão da soja) é perverso por concentrar riqueza, esgotar o solo e empregar pouco.

Uma coisa é certa: a soja realmente alimenta os sonhos dos mais abastados. "A vocação da região é mesmo a soja e o milho", diz An-

gelo Belém Neto, supervisor do Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso em São Félix e presidente do sindicato local de produtores rurais. "De qualquer forma, já somos monocultores — de capim".

Armando Conde, dono da Codeara, empreendimento agropecuário de Santa Terezinha, no Mato Grosso, diz que médios e grandes produtores só se arriscarão na região quando houver transporte barato. "As famílias Sachetti e Maggi, de Rondonópolis (MT), já manifestaram interesse de se instalar por lá para produzir grãos, tão logo o Relatório de Impacto Ambiental seja aprovado", afirma.

De fato, Adilton Sachetti, um dos maiores produtores do estado, repetiu nos últimos dois anos ensaios de plantio de soja e milho à beira do Araguaia. "Fomos bem-sucedidos, mas vamos ter de esperar. Quando a hidrovía sair, vai transformar a produção agrícola do Centro-Oeste, região com mais várzeas desocupadas que todo o Rio Grande do Sul".

Para o gerente do projeto, Roberto Zaidan, a hidrovía poderia reduzir

em até 30% o preço de transporte do granel sólido. Assim, os atuais R\$ 0,035 por tonelada transportada por

quilômetro cairiam para R\$ 0,025. Ele garante, também, que as águas vão baixar no máximo 1 centímetro. "Vistórias semanais vão ajudar a combater o desmatamento das margens, que assoreia o Araguaia", afirma.

Entretanto, quem vive em São Félix, com os pés dentro d'água, duvida. A começar pelo prefeito Uslei Gomes (PMDB), para quem a vocação local é a exploração das riquezas naturais e culturais: "Quem é daqui pensa dez vezes antes de mexer com o rio."

Ele lembra, também, que a maioria das fazendas já acabou com as

matas ciliares para fazer pastagens, elevando o nível das águas. "O Araguaia já está morrendo", lamenta,

mas não dispensa obras para tirar a cidade do isolamento. Para ele, bastaria tornar novamente transitável a rodovia Belém-Brasília.

Até os engenheiros do projeto Sivam, que envolverá o uso do sensoriamento remoto para fiscalizar a Amazônia, são contra o projeto. "A cidade tem pecuária fraca e agricultura inexistente", avalia Carlos Fábio de Carvalho, que coordena a instalação da ba-

se de São Félix. "A hidrovía pode acabar com o que mantém o município: o turismo".

Os empresários desse ramo duvi-

dam que a obra vingue. "Vai ser bem difícil abrir um canal no rio", avalia Gaspar Ritter, dono da pousada Kurayala, a melhor de São Félix. Ele lembra o vizinho que tentou abrir com uma draga, passagem para que seu barco, ancorado numa lagoa isolada na época da seca, pudesse atingir o rio. "Ela funcionou sem parar dois dias e duas noites. Tão logo parou, a areia cobriu tudo de novo".

Os mais preocupados são mesmo os índios que vivem da pesca ao longo do rio. "Além do risco para o ambiente, temos medo de invasões e especulação das nossas terras", teme o cacique Daniel Coxini Karajá, líder de metade das aldeias da Ilha do Bananal. No ano passado, os karajás chegaram a retirar as placas de sinalização instaladas para indicar onde passaria a hidrovía.

Por enquanto, a briga está suspensa na Justiça, que em outubro interrompeu o processo de licenciamento ambiental, a pedido do Ministério Público Federal. Zaidan informou, porém, que acaba de ser formado um grupo interministerial para tentar reverter o processo.

## Retrato da região

Números do eixo Araguaia-Tocantins

Área  
**1,5 milhão km<sup>2</sup>**

Unidades de conservação  
**1,3%**

Áreas indígenas  
**12,0%**

Municípios  
**543**

População  
**13 milhões**

Economia\*  
**4,6% do PIB**

Fonte: Ministério do Orçamento, Planejamento e Gestão \*1995/1996

Documentação  
6m  
13/6/2000  
pg. A-8